

## EDUCAÇÃO ESTÉTICA E ARTE, PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA E CIDADE

Amanda Moreira Teixeira<sup>id<sup>1</sup></sup> e Andrea Vieira Zanella<sup>id<sup>2</sup></sup>

**Resumo:** As Pessoas em Situação de Rua (PSR) participam da dinâmica da cidade de variados modos, sendo possível presenciar e participar da cena cultural e artística da cidade. Como ocorre esta participação? Ela é apresentada na produção acadêmica? Com o objetivo de conhecer a produção acadêmica sobre PSR relacionada à arte e à cidade, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, sem limite de tempo, nas bases de dados Portal de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Catálogo de Teses & Dissertações da Capes, utilizando os descritores “pessoas em situação de rua”, “morador de rua”, “contexto urbano”, “cidade” e “arte”. Foram encontrados 50 trabalhos e 32 atenderam aos critérios de inclusão. Os trabalhos, lidos na íntegra, apontam para um conjunto plural de olhares (educação, sociologia, psicologia, antropologia, entre outros), bem como para a necessidade de investir em pesquisas que analisem a potência da arte e da educação estética informal que promove para a transformação de modos de ser e viver a/na cidade. Foi realizada uma discussão sobre desigualdades sociais vivenciadas por Pessoas em Situação de Rua, a arte e a educação estética a partir das contribuições de Vigotski (1999, 2001), bem como ressaltada a importância de reconhecer as vidas das Pessoas em Situação de Rua, vidas que importam, suas (re)criações cotidianas, culturais e artísticas como artes da existência, as quais tensionam nossas certezas e nos levam a pensar sobre o que consideramos importante em se tratando de vida em sociedade.

**Palavras-chave:** Pessoas em Situação de Rua; Arte; Cidade; Educação Estética.

### AESTHETIC EDUCATION AND ART, HOMELESS PEOPLE AND CITY

**Abstract:** Homeless people participate of the city dynamics in various ways, witnessing and participating of cultural and artistic city scene. How does this participation occur? Is it presented in academic production? In order to know academic production about homeless people related to art and city, it was realized a systematic literature review with no time limit in CAPES Portal of Journals databases and in CAPES Bank of Theses and Dissertations Catalogue, using the descriptors “homeless people”, “urban context”, “city” and “art”. It was found 50 papers and 32 attended to inclusion criterion. The works, read in full, indicate a plural conjunct of glances (education, sociology, psychology,

<sup>1</sup>Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), psicóloga autônoma. E-mail: [amoreirate@gmail.com](mailto:amoreirate@gmail.com).

<sup>2</sup>Doutora em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Pós doutora em Psicologia pela Università Degli Studi di Roma La Sapienza, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: [avzanella@gmail.com](mailto:avzanella@gmail.com).



anthropology, among others), as well as the necessity of investment on researches that analyzes the power of art and the informal aesthetic education that promotes to transform ways of being and living the/in the city. A discussion about the social inequalities experienced by Homeless People, art and aesthetic education based on the contributions of Vigotski (1999, 2001) was realized, also the importance of recognizing the lives of Homeless People, lives that matter, their daily (re) creations, cultural and artistic as arts of existence, which tension our certainties and lead us to think about what we consider important when it comes to life in society.

**Keywords:** Homeless People; Art; City; Aesthetic Education.

## 1. Introdução

Ancorada nos estudos da Ética de Spinoza (2016) e seus interlocutores (CHAUÍ, 1995; DELEUZE, 2002; SAWAIA, 2009; STRAPPAZZON, MAHEIRIE, 2016; STRAPPAZZON, 2017), esta pesquisa fundamenta-se na compreensão de que o ser humano se constitui a partir das relações e afecções que estabelece no/com o mundo em diferentes tempos e espaços, nos encontros com outros seres, com sons, ruídos e silêncios, com imagens, condições climáticas, substâncias, entre outros. No percurso de sua existência, cada pessoa afeta e é afetada e, ao passo em que essas afetações se produzem, varia sua potência de ação.

A filosofia da imanência e a visão monista do sujeito presente em Spinoza (2016) nos auxiliam a compreender corpo e mente como indissociáveis, constituídos nos encontros com muitos outros corpos, em contraposição com uma tradição filosófica que os diferencia e hierarquiza. Isto é, um não opera sobre o outro, ambos são afetados juntos no decorrer dos encontros que estabelecem com outros corpos, não sendo, portanto, definidos por algo que os transcende e que está além do que existe concretamente, estão no plano da imanência (STRAPPAZZON, 2017). Considerando o ser humano um grau de potência (SAWAIA, 2009) a variar conforme os encontros que estabelece, nos perguntamos, enquanto pesquisadoras e entusiastas das artes e do que elas nos proporcionam: que encontros tecem as pessoas em situação de rua com a arte e a cidade?

Ao traçar os caminhos prévios dessa investigação, fomos mobilizadas a analisar o que havia na literatura acadêmica acerca das pessoas em situação de rua (PSR) relacionada à arte e à cidade: o que já foi discutido sobre esses temas? Que tipo de relações entre estas três temáticas foram estabelecidas? Em que contextos e condições? Motivadas a responder essas perguntas, nos propomos a realizar uma revisão da produção acadêmica brasileira, cujos resultados são analisados e discutidos neste trabalho.

A presença de pessoas que fazem das ruas suas moradias caracterizam um fenômeno antigo e complexo, objeto de estudo das ciências sociais, antropologia, serviço social, arquitetura, psicologia, dentre outros campos do conhecimento. No Brasil, a consideração dessas pessoas em suas especificidades e demandas de direitos e políticas públicas ganhou expressão em 2009 em

virtude do aumento da pressão da população de rua por direitos, com a criação do Movimento Nacional População de Rua em 2005 (LEMÕES, 2019), e a comoção nacional diante do episódio que ficou conhecido como Massacre da Praça da Sé.

No decreto nº 7.053, que instituiu a Política Nacional para a População em Situação de Rua, encontramos, no parágrafo único do Art. 1, a seguinte definição:

Grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL, 2009).

Faz-se importante reconhecer a importância da construção e implementação de políticas públicas como a citada, voltadas às demandas dessa população, lembrando que a diversidade das pessoas que utilizam a rua como moradia é ampla e escapa a generalizações. As motivações de habitar as ruas, o tempo de permanência, o modo como essas pessoas se autodenominam, entre outros aspectos que contribuem para a compreensão de sua heterogeneidade vem sendo discutida por diversas pesquisadoras (SICARI, 2018; SICARI; ZANELLA, 2018; OLIVEIRA, 2015; GALVANI, 2008; GOMES, 2006; entre outras).

A experiência de habitar as ruas, bem como as relações com a cidade e demais habitantes, é marcada por tensões, pois são atribuídos às PSR estigmas sociais (GOFFMAN, 1981) de indesejáveis, drogados e/ou perigosos. As relações estabelecidas consigo mesmas/os, conforme discorre Sicari (2018), são por conseguinte, atravessadas por tais estigmas, culminando em uma experiência de sofrimento ético-político, afirmação e produções outras de si, que escapam aos lugares que lhes são socialmente impostos. Um sofrimento ético-político é aquele decorrente da injustiça, do preconceito e da falta de dignidade vividos por muitos membros de nossa sociedade, o qual poderia ser evitado do ponto de vista social (SAWAIA, 1999).

A vivência em situação de rua, contudo, não se restringe às situações de sofrimentos e violências, de encontros que diminuem a potência de ação no sentido espinosano. As pessoas que fazem das ruas das cidades suas moradias, por vezes estão ali para além da sobrevivência. Elas participam da dinâmica da cidade de variados modos, sendo possível presenciar e participar da cena cultural e artística urbana. Como ocorre essa participação? Ela é apresentada e discutida na produção acadêmica? De que modo?

O interesse nas produções e participações de PSR em atividades artísticas se deve ao nosso envolvimento com atividades voltadas à promoção de experiências estéticas. Esse tipo de experiência, para quem a vivencia, seja na condição de autores(as) e/ou espectadores(as) de obras de arte, provoca a tessitura de relações entre arte e vida que mobilizam à criação e, conseqüente, à transformação de si e da realidade (VIGOTSKI, 1999; VIGOTSKI, 2001), via

(re)organização de pensamentos, sentimentos, da psique como um todo. Experiências estéticas, por sua vez, podem vir a ser objetivados em novas produções, quiçá reconhecidas como obras de arte.

Para Vigotski (2001, p.340), a arte não configura uma complementação ou adorno da vida, mas, na verdade, decorre daquilo que no ser humano é superior à vida. Isto porque, para este autor, estamos sujeitos, nos encontros no/com o mundo, a uma série de provocações, não sendo possível responder a todas elas de modo criativo. Na arte, por outro lado, somos provocados a produzir respostas que não são ou não tem espaço para serem concretizadas em outras esferas da existência. Somos mobilizados a nos objetivarmos de uma forma outra, criativa, o que sinaliza a possibilidade de virmos a nos reconhecer e sermos reconhecidos como artistas da própria existência.

Olhamos para a produção científica foco desta pesquisa em diálogo com as contribuições de Lev S. Vigotski acerca da educação estética e da arte. Esse entretecer nos permite enfatizar sua importância para todas e quaisquer vidas humanas, bem como a possibilidade de sua ocorrência em contextos informais, como a rua.

## 2. Metodologia

Para conhecer e analisar o que foi produzido no âmbito acadêmico sobre Pessoas em Situação de Rua (PSR) e a relação entre arte e cidade, optamos pela realização de uma revisão da produção científica. Consideramos que, através da aplicação de estratégias de busca, é possível realizar um mapeamento, reflexão e análise da produção de um determinado tema de maneira organizada (ZOLTOWSKI, *et al.*, 2014), o que nos possibilita conhecer o que vem sendo pesquisado, bem como questões que se mantêm em aberto para investigações futuras.

Distintos métodos para a realização desse tipo de estudo são utilizados. A revisão sistemática surgiu no final da década de 1970; inicialmente conhecida pelo conceito de metanálise, criado por Gene Glass (1976), consiste em uma análise de um coletivo de estudos individuais visando a realização de uma integração dos resultados (KOLLER; COUTO; HONDERDOFF, 2014). Trata-se de um procedimento metodológico de pesquisa constituído por etapas, a saber: delimitação do tema pesquisado e objetivos do estudo; escolha das fontes de dados nas quais será realizada a pesquisa; eleição dos descritores/palavras-chave para a busca; busca e armazenamento dos resultados; seleção dos periódicos que integrarão o estudo conforme os critérios de inclusão e exclusão definidos pela/o pesquisadora/or; coleta dos dados dos artigos selecionados; avaliação dos artigos; e, por fim, síntese, reflexão crítica e apresentação dos resultados.

Com o objetivo de conhecer a produção acadêmica sobre PSR relacionada à arte e à cidade, realizamos uma busca nas bases de dados Portal de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Catálogo de Teses & Dissertações da Capes, utilizando os seguintes descritores: "pessoas em situação de rua", "morador de rua", "contexto urbano", "cidade" e "arte", através da associação pelos operadores booleanos AND e OR. Assim, a busca foi

realizada da seguinte forma: (“pessoas em situação de rua” OR “morador de rua”) AND (cidade OR “contexto urbano”) AND arte, resultando em 45 artigos na primeira base e cinco dissertações na segunda.

O levantamento das produções científicas foi realizado ao longo do mês de julho de 2019, sem limite de tempo. Foram considerados como critérios de inclusão: estar no formato de artigo, dissertação ou tese; apresentar discussões sobre a população brasileira e ter como foco principal de análise ao menos uma das três temáticas pesquisadas - cidade, pessoas em situação de rua (PSR) e arte. Critérios de exclusão também foram adotados, a saber: triplicidade ou duplicidade de arquivos, arquivos indisponíveis online e produções que, embora tenham sido selecionadas pelos mecanismos de busca, não tratavam da temática delimitada para a revisão. Para exemplificar a dinâmica exclusão/inclusão adotada, foi excluído o artigo “A educação popular latino-americana como um novo sentido para a educação social” (MACHADO, 2016): o mesmo apresenta análises e reflexões teóricas acerca da Pedagogia Social e seu processo de consolidação como área de conhecimento na Espanha e no Brasil, porém sem discutir a questão das PSR; em contrapartida, foi incluído o artigo “A rua como espaço de tempo de possibilidades educativas” (ALMEIDA; JÚNIOR; SOUZA, 2016) por discutir a dimensão educativa da rua vivenciada por três grupos sociais, dentre os quais PSR, dançarinas e dançarinos de rua.

Tendo em vista a multiplicidade de temas nos arquivos encontrados, foi realizada a leitura dos resumos e a leitura na íntegra dos 50 trabalhos encontrados, seja por trazerem uma discussão mais aprofundada sobre as temáticas pesquisadas ou para identificar como apareciam na produção acadêmica a questão da arte, cidade e/ou PSR, a depender do foco de discussão. Como exemplo, o artigo intitulado “A ordem e a desordem de ontem e de hoje: notas etnográficas sobre a polícia na Lapa Carioca” (CARUSO, 2015), uma discussão acerca das operações policiais e de segurança pública na Lapa, Rio de Janeiro, foi analisado identificando se era - e como era - realizada a relação com PSR e a arte.

Em alguns dos trabalhos encontrados, as palavras arte, cidade e/ou PSR e suas variações estavam apenas presentes no corpo do texto, sem necessariamente apresentar uma discussão a respeito. É o caso do artigo selecionado, intitulado “Os espaços públicos centrais como unidades de preservação do patrimônio: um estudo de caso em Barra Mansa, Rio de Janeiro” (SANTOS; SCHICCHI, 2016), no qual PSR são somente citadas como um “problema social” no que se refere à preservação de lugares considerados patrimônios.

Após a seleção dos artigos e dissertações para análise de acordo com os critérios mencionados, restaram 32 artigos e 5 dissertações de mestrado para análise. Esses trabalhos vinculam-se a diferentes áreas do conhecimento: arquitetura, geografia, psicologia, terapia ocupacional, saúde, antropologia, ciências sociais e educação. Além das áreas do conhecimento nas quais a temática foi discutida, foram consideradas, na análise dos resultados, as cidades nas quais foram realizadas as pesquisas, o periódico onde os artigos foram publicados, as universidades às quais a pesquisa foi vinculada, entre outros.



Em relação às dissertações, duas são vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), uma ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), uma ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e outra ao Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

A maior parte das pesquisas foi realizada no contexto da cidade de São Paulo/SP (37,5%), seguida do Rio de Janeiro/ RJ (18,75%) e Belo Horizonte/ MG (6,25%). As revistas que mais apareceram nos resultados foram a Revista Interface Comunicação e Saúde (4) e a Revista Civitas (3). Em relação à última, chama a atenção a publicação do Dossiê Vida na Rua (2019) que apresenta artigos especificamente sobre as PSR e discussões no âmbito das ciências sociais.

Para aprofundar a discussão acerca do material encontrado, tecemos diálogos entre as diferentes pesquisas buscando traçar uma reflexão crítica sobre as relações entre pessoas em situação de rua, cidade e arte. O que os diferentes estudos têm a nos dizer? O que podemos problematizar? Quais (im)possibilidades de relações entre essas três temáticas podemos vislumbrar?

### **3. Resultados e discussões**

As temáticas arte, cidade e PSR são discutidas de modo variado nos 37 trabalhos analisados, com ênfase em uma ou outra das questões que formam o tripé em foco neste estudo. Os entrelaçamentos e relações entre um tema e outro configuram, por conseguinte, um conjunto plural de olhares para a complexidade em foco.

Algumas das pesquisas discutem predominantemente a cidade e/ou a rua, contribuindo para problematizar o conhecimento produzido sobre esses espaços e o modo como pesquisadores/as os abordam. Para Zwetsch (2012), a função ética do pesquisador urbano é devolver à cidade aquilo que se fez esquecer. A pesquisadora pergunta sobre como e em que medida conseguimos escutar as vidas nas cidades.

Galvani (2008), que buscou em sua pesquisa de mestrado compreender a cidade a partir de PSR, relata a percepção de que o tempo da rua para elas é outro, diferente daquele considerado padrão e oficial; seus contratos de encontro com os participantes da pesquisa, por conseguinte, não estavam fixados no tempo mecânico do relógio, mas na confiança do contrato estabelecido.

Macerata, Soares e Ramos (2014) também consideram que o “mundo da rua” é diferente do “mundo oficial”, visibilizando seus contrastes e dinâmicas de exclusão. Para os autores, a dinâmica da rua se configura como um lado de fora das normativas e formas oficiais que regulam a vida na cidade. Trata-se de um espaço existencial de escape às suas leis hegemônicas e dominantes, lugar depositário daquelas existências que perderam seu lugar de legitimação por questões financeiras, sociais e/ou afetivas (MACERATA; SOARES; RAMOS, 2014). Consoante com essas discussões, para Almeida, Junior e Souza (2016) a

rua é considerada como espaço-tempo de diversas práticas sociais, local concreto e simbólico onde se inscrevem tensões socioculturais e de (re)construções da vida.

Ao discutir sobre a atenção à saúde e apoio às pessoas em situação de rua, Macerata, Soares e Ramos (2014) refletem o território existencial da rua como principal objeto sobre o qual tais práticas se debruçam. Constituindo relação com o conceito de “território existencial” cunhado por Felix Guatarri, estes autores problematizam que as lógicas mais instituídas da cidade mantém poucos pontos de comunicação com a rua, engajando-se em intervenções que, em grande parte, tentam moldar PSR a padrões de vida considerados “normais” ou exterminar e retirar-los da vista da maior parte da população. Atentam, pois, para o conhecimento do território, do ritmo e da vida na rua, como atividade fundamental para aqueles que trabalham na atenção à saúde à população em situação de rua, o que também argumenta Roberta Oliveira (2018).

A importância da aproximação das dinâmicas da rua e de seus ritmos também são apontadas no contexto educacional, de maneira a vislumbrar um envolvimento de modo dialógico e respeitável com as PSR por parte dos espaços formais de educação (ALMEIDA; JÚNIOR; SOUZA, 2016). Segundo as autoras, existem processos educativos nas ruas que expressam construção e partilha de valores como a amizade, respeito e solidariedade que tornam o espaço urbano, na sua dinâmica e caráter multicultural, lugar de tensão com a visão hegemônica da vida e do mundo, comumente sustentada na competição e no individualismo.

O espaço da rua, para Caruso (2015), é lugar onde reside o conflito entre noções de ordem e desordem, fundamentando práticas que intentam implantar a primeira e destruir a segunda. PSR, flanelinhas, vendedores ambulantes, dentre outros agentes na cidade, são caracterizados, aos olhares empresariais e dos meios de comunicação, como produtoras de desordem, motivo pelo qual são postas em prática operações de limpeza da cidade, como a “Operação Lapa Limpa” de 2007 e a “Operação Lapa Presente” em 2013, ambas na região da Lapa da cidade do Rio de Janeiro e discutidas pela pesquisadora (CARUSO, 2015).

Se predominam nos estudos analisados a discussão crítica sobre as tensões características da cidade e as variadas práticas de exclusão de PSR da tessitura urbana, o levantamento realizado encontrou estudos que se contrapõem a essa perspectiva. Santos e Schicchi (2016), no estudo de caso de Barra Mansa, também no Rio de Janeiro, discutem os espaços públicos da cidade como unidades de preservação e patrimônio no campo da arquitetura, lugares nos quais a presença de PSR, prostituição e usuários de drogas são considerados um “problema social” (sic) que torna a região perigosa e pouco frequentada por outros moradores/es. Relatam as autoras sobre a instalação de uma academia, dentre outros projetos, que resultaram em uma “mudança estética” (sic) que implicou na expulsão de PSR ali presentes, o que possibilitou outras formas de convivência e a volta do crescimento e comércio na região, inclusive no período noturno.

Contrapõe-se à lógica afirmada nesse estudo a discussão desenvolvida por Carneiro (2019) sobre a produção do espaço urbano das cidades de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil e de Bogotá, Colômbia. A partir da analítica do

poder/saber de Michel Foucault, a autora Carneiro (2019) problematiza a intensificação dos mecanismos de poder disciplinar e do biopoder com a governamentalidade neoliberal. Nessa lógica, a cidade tem sido concebida no âmbito do consumo e as PSR têm sido utilizadas como fundamento e justificativas para intervenções urbanas. Segundo a autora, as associações dessa população à violência e insegurança acabam por tornar as PSR úteis para a ação do mercado. A noção de perigo finda por justificar mecanismos de coerção e controle dos corpos no espaço, garantindo, desta maneira, a expansão do mercado no solo urbano. PSR são consideradas fora da norma e, por isso, passíveis de controle e dominação; na medida em que existem e resistem, impedem e também justificam as possibilidades de investimentos na lógica neoliberal (CARNEIRO, 2019).

Para Tavares (2013), as PSR vivem uma ambiguidade de presença e ausência na medida em que seus corpos estão presentes na cidade, mas sua autonomia e dignidade estão ausentes, o que lhes confere um aspecto de sub-humanidade que é ora percebida, ora ignorada. Para Lopes (2008), o andar pelas ruas da cidade pode ser uma transgressão caracterizada pelo trânsito entre fronteiras sociais e simbólicas que possibilitam tensionamentos das legitimidades hegemônicas.

O que os estudos analisados possibilitam afirmar é que, seja por assumirem ritmos contra hegemônicos, por usufruírem do espaço da cidade como moradia e denunciarem as contradições sociais da sociedade em que vivemos, a presença e permanência das pessoas na rua incomoda e provoca medidas de extermínio e higienização da cidade. Assim, a experiência de habitar as ruas é relacionada às situações de violência, sejam elas protagonizadas pelo Estado junto à segurança pública (CARUSO, 2015), entre si na disputa por espaço e poder (ROSA; BRETAS, 2015), recolhimento compulsório norteador por interesses em preparar a cidade para grandes eventos como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas em 2016 (MACHADO; SIMAS, 2017), entre outras.

Porém, para além das experiências em situações de violência, a revisão da produção científica a que se propôs este estudo permitiu identificar a rua também como espaço de potência e de (re)invenção de si e do que pode vir a ser ao habitá-las: um lugar de encontro, de ensino e aprendizagem, de construção de relações e de se expressar artisticamente.

Em sua pesquisa de mestrado, Galvani (2008) reconhece a vida social que é construída a partir da rua e com ela, exemplificando o caso das PSR que desenvolvem formas de geração de renda, que se inserem em programas de moradia, participam de organizações políticas, integram relações com seus pares, de caráter religioso e aos circuitos ligados à arte.

As autoras Almeida, Júnior e Souza (2016), por sua vez, buscaram, a partir de resultados das pesquisas em educação no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar, São Paulo), refletir sobre a dimensão educativa da rua vivenciada por pessoas que a utilizam como moradia e lugar de vivências afetivas e culturais. As pesquisadoras criticam o preconceito e a indiferença com que são olhadas essas pessoas e sugerem que sejam vistas como produtoras de práticas sociais que, através da arte, da cultura, da reinvenção da moradia e do uso de drogas, afirmam suas existências e suas



vidas em contextos produtores de marginalizações. Ao analisarem como a rua é vista por dançarinas/os de rua, usuários de crack e outras pessoas que fazem das ruas sua moradia, o espaço da cidade foi caracterizado pelas autoras como mediador da expressão artística e a dança como um modo de ocupar o tempo e o espaço com algo prazeroso, criando, assim, outros modos de se relacionar com a cidade para além das redes tecidas em torno do uso e comércio de drogas.

Sobre as redes sociais em torno do uso e comércio de drogas, Alves e Pereira (2019) discutem o “fluxo”, movimentos e percursos em torno do consumo do crack, bem como a dimensão social em torno do uso da droga a partir de um olhar da antropologia. Para além da dependência química, os autores apontam para uma “dependência social” atrelada às relações com os pares, o desfrute da companhia, bem como da construção de modos de viver e perceber a cidade.

Em discussão sobre experiências de uma equipe de Consultório de Rua e Redução de Danos em uma cidade do Rio de Janeiro, Machado e Simas (2017) relatam dificuldades de aproximação à população alvo do serviço, PSR e/ou usuárias de drogas, e o encontro da estratégia de superá-las no compartilhamento de vivências estéticas. A intensificação destas dificuldades foi interpretada como parte das consequências de abordagens violentas caracterizadas pela prática de recolhimento compulsório de caráter higienista realizadas por algumas equipes da assistência social no ano de 2013, cuja atuação, segundo os autores, estava pautada pelo interesse em preparar a cidade do Rio de Janeiro para os eventos da Copa do Mundo, em 2014, e das Olimpíadas, em 2015.

Machado e Simas (2017) contam sobre a utilização de recursos estéticos como tintas, papéis e canetas, por parte da equipe do consultório de rua e redução de danos, para o desenvolvimento de um outro modo de abordar as PSR e/ou usuárias de drogas. Apesar da recusa inicial de se experimentar artisticamente com os materiais, os trabalhadores da equipe iniciaram criações e as pessoas se aproximaram e realizaram suas próprias obras. Para as autoras, as experiências estéticas configuraram uma estratégia de aproximação e fortalecimento de vínculo com as PSR, usuárias ou não de drogas, o que possibilitou atendimentos e encaminhamentos posteriores conforme as demandas que eram apresentadas à equipe. É interessante ressaltar o relato, presente no artigo em questão, de algumas das pessoas que solicitaram aos trabalhadores o registro fotográfico no qual apresentavam a criação artística realizada, apesar de estarem em territórios onde há certa proibição da utilização de câmeras.

Esta atitude nos faz indagar sobre a potência da arte para quem a realiza e a possibilidade inaugurada pela experiência estética de se ver e ser visto de um modo outro, não como perigoso ou drogado, estigmas atribuídos a esta população. Para além da aproximação e do vínculo oportunizado pela vivência estética, o episódio narrado pelas autoras nos indica algo sobre os efeitos subjetivos do fazer artístico para essa população e para quem com ela tece relação.

Em pesquisa que buscou caracterizar, analisar e comparar os documentos que norteiam as atuações dos serviços que prestam atenção à saúde de PSR nos

Estados Unidos, Portugal e Brasil, a partir da Análise Comparada de Divergência e Convergência, Borysow, Conill e Furtado (2017) apresentam que, apesar das distinções no que tange às políticas de saúde, semelhantes estratégias são adotadas, como a busca ativa e encaminhamento aos outros pontos da rede com objetivo de facilitar o acesso dos serviços pela população. Chama atenção nesse estudo o fato de que no Brasil está previsto um profissional com formação em arte e educação integrando a equipe multiprofissional, enquanto que nos EUA e Portugal as modalidades profissionais não são delimitadas e podem variar.

Recursos e produções estéticas são também discutidos por Alvarez, Alvarenga e Rina (2009) no contexto de ensino e aprendizagem de três PSR em aulas de alfabetização e ensino fundamental, ministradas por duas professoras aposentadas. Nessas aulas foram fornecidos folhas e lápis coloridos, além de revistas para que fossem utilizadas em processos criativos. Os sujeitos da pesquisa reuniam as partes cortadas de revistas e jornais descartados em um novo arranjo. As pesquisadoras compreendem as produções como modo de satisfazer a necessidade de se expressar e suas reflexões são norteadas por possíveis interpretações de simbolismos presentes nos desenhos e colagens a partir do diálogo com Jung.

Na pesquisa de mestrado intitulada "Limières urbanos: a necessária precariedade à existência" (ZWETSCH, 2012), a pesquisadora buscou discutir as formas de viver e habitar a cidade de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, a partir do olhar das PSR. Com o dispositivo imagético da fotografia, foi proposto como atividade aos participantes da pesquisa que escolhessem uma imagem do habitar a cidade que lhes fosse significativa para, posteriormente, recriá-la coletivamente através da escrita e, então, fotografá-la. As fotografias são discutidas por Zwetsch (2012) como possibilidades de se narrar histórias cotidianas e dar importância ao que costuma ser deixado para trás, aquilo que até então parecia não ter significação. As produções das cenas e das fotografias, que retornaram aos participantes da pesquisa, configuraram para a pesquisadora um ato de reconhecimento de suas existências.

O projeto Cidadãos Cantantes (SILVA; LIMA, 2013), na cidade de São Paulo, também realizou atos de reconhecimento das PSR. Impulsionados pelo Movimento da Luta Antimanicomial, a proposta do projeto foi pensada como um espaço de experimentação artística para todos, independentemente das condições sociais e de saúde, considerando que todas as pessoas podem ocupar lugares de produtoras culturais. A vitrine que separa a sala onde ocorre as atividades culturais do projeto também as conectou ao movimento e às tensões urbanas. Este fato permitiu relações com PSR, que por vezes se constituíam como espectadores, e com as dinâmicas na cidade por elas engendradas ao resistirem às lógicas que ali imperam, provocando efeitos desde admiração à repulsa, sendo, por fim, afastadas da região por motivos que as autoras desconhecem.

Andréa Rodrigues (2007) desenvolveu a pesquisa de mestrado em teatro e performance intitulada "O Chão nas Cidades: Performance e População de Rua". A performance consiste em um grupo de performers que caem ao chão em espaços diferentes da cidade, deixando que os desdobramentos das atitudes dos transeuntes para com a cena aconteçam. As pessoas em situação de rua

foram previamente avisadas sobre o que aconteceria e atuaram como auxiliares, dando dicas sobre os melhores lugares para cair e deitar. Constituíram-se, podemos dizer, como performers já que, sem contar sobre o que se tratava, participavam dos desdobramentos que esta linguagem artística provocava no diálogo com o espaço urbano e seus habitantes, assumindo também o lugar de prestadores de cuidado às pessoas que caíam ao chão. Ao final da expressão artística, as PSR apresentaram relatos, com gestos e narrativas que a autora significou como de um requinte que chegava a apontar para um grau de ficção.

O interessante não é propriamente o julgamento se eram reais ou não, mas o que provocou nas pessoas e as suas criações, sendo que na maior parte dos relatos, assumiram o papel de heróis em relação aos vilões que xingavam, ameaçavam e/ou agrediam as/os performers, chama a atenção a ocupação de um lugar numa cena cotidiana em que geralmente são eles as vítimas.

Algumas pesquisas não tinham como foco a arte e as/os artistas em situação de rua, mas a eles dedicaram atenção na medida em que emergiram no contexto pesquisado. João da Viola, participante da pesquisa de Galvani (2008), deixa explícita a importância da música em sua vida, através da qual sempre pôde falar das suas trajetórias e fazer reflexões sobre a vida. O participante da pesquisa morou em diferentes cidades sempre motivado por oportunidades de trabalho, começando por transitar com circo. O processo de ida à rua envolveu rompimento de vínculos familiares e prejuízos financeiros, além da perda de seu amigo e parceiro de música em viagem para uma apresentação. Toda essa experiência culminou na escrita de uma de suas canções, chamada "Estrada Cumprida".

Rita Gomes (2006), que buscou investigar como se dá o processo de subjetivação das pessoas no espaço urbano da cidade contemporânea, em especial, daquelas em situação de rua, conta sobre a chegada de Seu Chico à oficina de pintura dedicada às pessoas em atendimento intensivo no contexto do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), em Porto Alegre (RS). Conta a pesquisadora que Seu Chico apresentava uma fala de difícil compreensão e que, em seus desenhos e pinturas, sua história de vida, passado, presente e futuro, faziam-se vistos, o que permitiu melhor comunicação com os demais, além do resgate de seu processo de fala diante da necessidade de se comunicar. Para Gomes (2006) a linguagem através da arte utilizada por Seu Chico supria a ausência da linguagem verbal ao passo que também produziu novos modos de ser olhado e de se olhar. Podemos refletir sobre os processos e transformações engendradas pelo participante da pesquisa através da sua relação com suas pinturas e com as pessoas cujos olhos acompanharam, curiosos, o seu fazer artístico.

Galvani, Barros, Pastore e Sato (2016) apresentam resultados de seus estudos com artistas que vivem e/ou trabalham no espaço público do centro da cidade de São Paulo, cujas experiências são caracterizadas pela invisibilidade diante das políticas culturais, exposição a riscos e contradições da cidade, habilidades de improvisar e lidar com um público geralmente imprevisível. Perguntam-se as pesquisadoras: "por que quem usa a rua para divulgar sua arte é confundido com bandido?" (GALVANI *et al.*, 2016, p. 861) e encontram a interface da arte e da política como ação a partir da qual a terapia ocupacional

pode inscrever-se como criativa, ultrapassando limites do campo de saber e os espaços para a profissão.

Em outra pesquisa, Villar e Bernardes (2018), em diálogo com os estudos de Foucault, afirmam que as/os artistas e artesãs/os que trabalham e/ou vivem na rua compartilham níveis de precariedade que variam de acordo com a proximidade maior ou menor de uma vida “incluída” e de acordo com as normas. Verificam as autoras que os participantes da pesquisa, considerando os diferentes níveis de vulnerabilidade às violências e relações hostis na cidade, buscam se aproximar de condições de normalização da vida e se afastar da figura de exclusão identificada nas PSR.

#### **4. Educação Estética e Arte**

Vigotski, ao discutir a educação estética em seu livro “Psicologia Pedagógica” (2001), contrapõe-se a utilização da arte e da estética para uma determinada finalidade, seja ela no âmbito da educação moral, da pedagogia, do estudo da realidade, entre outros. O autor parte da problemática de que na ciência psicológica e na pedagogia teórica não estavam formuladas questões como objetivo, métodos, sentido e natureza da educação estética, pois, enquanto alguns autores tendiam a negar o sentido educativo da educação estética, outros a supervalorizavam e concebiam a emoção advinda das vivências estéticas como um recurso a ser utilizado pela pedagogia. Para Vigotski, ao fazerem isso colocam a educação estética à serviço de funções estranhas a ela.

Vigotski se posiciona contra o uso da arte e da educação estética com objetivos morais, emocionais ou cognitivos, pelos seguintes motivos: a) não há garantia que determinada arte irá culminar em dado efeito moral/cognitivo ou emocional, pois não há limites para o modo de sentir e interpretar uma obra de arte; b) considera a arte não como um complemento da vida, mas decorrente daquilo que no [ser humano] é superior à própria vida, estando a arte para a vida, assim como o vinho para a uva (VIGOTSKI, 1999).

A educação estética, por conseguinte, não deve servir de meio para se chegar a um fim, mas deve ter como objetivo a própria ação e vivência estética, pois:

Uma obra de arte vivenciada pode efetivamente ampliar nossa concepção de algum campo de fenômenos, levar-nos a ver esse campo com novos olhos, a generalizar e unificar fatos amiúde inteiramente dispersos. É que, como qualquer vivência intensa, a vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores e, evidentemente, nunca passa sem deixar vestígios para o nosso comportamento (VIGOTSKI, 2010, p.342).

Assim, compreendemos e investimos em relações com a arte balizados pela potência de bons encontros, no sentido espinosano (MAHEIRIE; STRAPPAZZON, 2016): encontros que podem aumentar nossa potência de ação na medida em que ampliam nossa concepção sobre um dado campo, possibilitando “ver com novos olhos” e nos deixando vestígios que podem ecoar em nossas ações futuras. As condições de possibilidade para tal, por sua vez,

são balizadas por marcadores sociais, culturais e históricos constitutivos das trajetórias de cada pessoa.

Por conseguinte, as possibilidades de experiências estéticas e de criação do que pode vir a ser reconhecido como obra de arte são diferentes e desiguais, tendo em vista os grupos sociais dos quais cada pessoa é parte e participa, suas condições étnico-raciais, de gênero, classe, geração. Como explicitado nos resultados da revisão realizada, as PSR caracterizam um grupo social comumente violentado em seus direitos, vivem em situações adversas e por vezes sequer são consideradas vidas, vidas passíveis de luto, vidas que importam (BUTLER, 2015).

Conforme discute Sawaia (2009), a desigualdade social é experienciada como uma constante ameaça à vida e à existência, que limita, cerceia a experiência e impõe diferentes formas de humilhação. Urge, portanto, construir coletivamente condições outras de vida, nas quais possamos reconhecer e preservar essas existências que são tão - ou ainda mais - importantes que as unidades de preservação e patrimônio que discutem Santos e Schichi (2016), cujo processo de “embelezamento” envolveu a retirada de PSR.

Para Soares (2015), é possível uma educação estética para emancipação desde que integrada ao pensamento educacional voltado à transformação social incorporando aspectos teóricos e práticos, bem como de reflexão crítica que possibilite experiências significativas. Faz-se necessário, portanto, questionar que valores e que projetos de sociedade estão imbuídos em nossas práticas, onde quer que elas sejam.

Consideramos que oportunizar às PSR experiências estéticas e possibilidades de criação, bem como reconhecê-las como produtoras de práticas sociais e de cultura, seja parte constitutiva do respeito às suas vidas e existências. Concordamos com Sawaia (2009, p.370) quando afirma que “o [ser humano] tem necessidade, sim, de pão, mas igualmente de bons encontros potencializadores de liberdade, felicidade, criação e fruição do belo” (SAWAIA, 2009, p.370).

A aproximação das dinâmicas das ruas (re)criadas pelas PSR, cuja importância é evidenciada por Macerata, Soares e Ramos (2014) e Almeida, Júnior e Souza (2016) nos contextos do trabalho em saúde e educacional, respectivamente, pode possibilitar o (re)conhecimento dos processos de ensino e aprendizagem que ocorrem nas ruas, dos valores e das criações realizadas pelas PSR. Para Vigotski (2001), o ponto central da educação estética é introduzi-la na própria vida, pois que “há poesia em toda parte onde soa a palavra do [ser humano], essa poesia de cada instante que constitui quase que a tarefa mais importante da educação estética” (VIGOTSKI, 2001, p. 352). Desse modo, perguntamo-nos: em que medida estamos (re)conhecendo a poesia de cada instante? Especialmente a poesia que se desenha e escreve nas/com as ruas por pessoas que fazem delas suas moradias?

Márcia Pompeo Nogueira (2008), que discute a socialização e educação pela arte teatral em contextos comunitários, relata sobre uma experiência do grupo Ventoforte na qual foi proposta para meninos e meninas de rua a atividade de criar e contar histórias. As histórias inventadas apresentavam forte relação com a realidade vivenciada pelas crianças e se mostraram potentes na medida



em que os meninos e meninas de rua, a partir de elementos reais, lançavam-se em outra condição: a de criadores de ficções e contadores de suas próprias histórias.

Nesta tônica, Vigotski demarca a inexorável relação da arte e da criação com a vida quando afirma que:

A arte transfigura a realidade não só nas construções da fantasia, mas também na elaboração real dos objetos e situações: a casa, o vestiário, a conversa e a leitura(...). O que deve servir de regra não é o adorno da vida, mas a elaboração criadora da realidade, dos objetos e seus próprios movimentos, que aclara e promove as vivências cotidianas ao nível de vivências criadoras (VIGOTSKI, 2001, p.352).

A partir desta assertiva, podemos compreender a elaboração criadora da realidade realizada pelas PSR nas condições adversas a que são impostas, e na resistência que realizam ao se afirmarem nos espaços em que vivem, como modos de se fazerem presentes e criarem dinâmicas de vida outras, diferentes daquelas impostas pelas normativas hegemônicas. São artes da existência, as quais tensionam nossas certezas e nos levam a pensar sobre o que consideramos importante em se tratando de vida em sociedade. Que nos provocam ao encontro com a diferença, fundamental para reconhecermos em nós mesmos a possibilidade de diferir, de vir a ser outro.

## **5. Considerações finais: Reverberações**

O presente estudo possibilitou-nos conhecer de que modo têm sido estabelecidas as relações entre cidade, PSR e arte em produções divulgadas no Portal de Periódicos e banco de teses e dissertações da CAPES. Cabe enfatizar que esta pesquisa não esgotou o que já foi produzido sobre estas temáticas, uma vez que apresenta limitações. Além da limitação relacionada à escolha dos descritores e seleção das fontes de dados, foram incluídos neste estudo apenas artigos, dissertações e teses com acesso aberto e gratuito, excluindo, dessa forma, outros tipos de trabalho, tais como livros e produções em outros formatos.

Como resultados da presente revisão sistemática da literatura, constatamos que as produções se diferenciam quanto ao foco de discussão, aos diálogos estabelecidos e áreas do conhecimento, o que nos indica as múltiplas possibilidades de se olhar para a cidade e suas relações com as PSR e a Arte.

A temática da rua/cidade foi amplamente discutida em grande parte dos trabalhos encontrados, sendo considerada em sua pluralidade como lugar de práticas sociais, de expressões artísticas, de disputas e conflitos, de ações de controle e coerção, de transgressões e tensionamentos de legitimidades dominantes e também de processos educativos, de ensino e aprendizagem.

Pensar a cidade é pensar também nas PSR. Essas pessoas imprimem suas próprias marcas na urbe na medida em que nelas experienciam e inscrevem suas existências, constituindo uma dinâmica para o estar na rua compreendida como diferente do padrão oficial, um ritmo distinto da norma e dos trajetos casa-

rua-trabalho, desvinculada dos ponteiros dos relógios e mais próxima dos contratos de confiança estabelecidos para os encontros. Com relação à questão da arte, as discussões encontradas referem-se a fazeres artísticos variados e visibilizam alguns possíveis quando são oportunizadas às PSR situações em que possam criar algo que lhes seja significativo. Mas há que se registrar que são poucos os estudos analisados que trazem essa discussão. Avaliamos a necessidade de investir em pesquisas que analisem a potência da arte para a transformação de modos de ser e viver a/na cidade, bem como a própria vida de PSR vir a ser cunhada e compreendida como obra de arte.

A realização desta revisão sistemática nos auxiliou a pensar as tensões e potências da relação das PSR, cidade e arte, e como estas relações se fazem presentes nos artigos encontrados. Ainda nos questionamos sobre quais possibilidades podemos vislumbrar na relação entre essa tríade. Ao que parece, esta é uma pergunta de múltiplas respostas, a depender dos modos de olhar. Futuras pesquisas podem, por exemplo, aprofundar a dimensão educativa criações artísticas realizadas por PSR, entre outras. Sendo as PSR, a cidade e a arte, temáticas complexas e em constante movimento de mútua constituição, esta pergunta talvez não se encerre em uma resposta única. Talvez o objetivo da pergunta seja, não o de produzir respostas, e sim ecos, reverberações, ampliando, assim, o campo dos possíveis.

## Referências

ALMEIDA, Sara Ferreira; JÚNIOR, Djalma Ribeiro; SOUZA, Rosângela Pereira. A rua como espaço e tempo de possibilidades educativas. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v.41, n.2, p. 323-336, ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ia.v41i2.40776>. Acesso em: 23 jun. 2019.

ALVAREZ, Aparecida Magali de Souza; ALVARENGA, Augusta Thereza de; DELLA RINA, Silvia Cristiane de S. A. Histórias de vida de moradores de rua, situações de exclusão social e encontros transformadores. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.18, n.2, p. 259-272, jun. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000200009>. Acesso em: 13 jun. 2019.

ALVES, Ygor Delgado; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Uma antropologia do "fluxo": reflexões sobre dependência no contexto do crack. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v.16, n.1, p. 121-142, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2019v16n1p121/38454>. Acesso em: 23 jul. 2019.

BORYSOW, Igor da Costa; CONILL, Eleonor Minho; FURTADO, Juarez Pereira. Atenção à saúde de pessoas em situação de rua: estudo comparado de unidades móveis em Portugal, Estados Unidos e Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.22, n.3, p. 879-890, mar. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017223.25822016>. Acesso em: 13 jun. 2019.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARNEIRO, Karine Gonçalves. Perigosos ou úteis?: Os moradores de rua e a produção do espaço urbano em Belo Horizonte e Bogotá. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v.19, n.1, p. 45-61, abr. 2019. Disponível em:



[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-60892019000100045&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-60892019000100045&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 13 jun. 2019.

CARUSO, Haydée. A ordem e a desordem de ontem e de hoje: Notas etnográficas sobre a polícia na Lapa carioca. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v.15, n.1, p. 66-83, mar. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-60892015000100066&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-60892015000100066&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 12 jun. 2019.

BRASIL, **Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009**. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm). Acesso em: 13 mar. 2019.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

GALVANI, Débora. **Pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo: itinerários e estratégias na construção de redes sociais e identidades**. 2008. 273f. Dissertação (Mestrado em Movimento, Postura e Ação Humana), Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5163/tde-01062009-110911/pt-br.php>. Acesso em: 14 jun. 2019.

GALVANI, Débora, *et.al.* Exercícios etnográficos como atividades em espaço público: Terapia Ocupacional Social no fazer da arte, da cultura e da política. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v.24, n.4, p. 859-868, 2016. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1756>. Acesso em: 14 jun. 2019.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

GOMES, Rita de Cássia Maciacki. **Gente-Caracol: A cidade contemporânea e o habitar as ruas**. 2006, 113f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8342/000574022.pdf?sequence=1> [HYPERLINK](#)  
"<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8342/000574022.pdf?sequence=1&isAllowed=y>"& [HYPERLINK](#)  
"<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8342/000574022.pdf?sequence=1&isAllowed=y>". Acesso em: 17 jul. 2019.

KOLLER, Silvia Helena; COUTO, Maria Clara de Paula; HOHENDORFF, Jean Von (Orgs.). **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEMÕES, Tiago. Hierarquia, contestação e igualdade: a produção da militância política para a população de rua no Brasil. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v.19, n.1, p. 123-141, 27 fev. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/cGC8zVhmymh6SDBjhpdsRj/?format=pdf> [HYPERLINK](#)  
"<https://www.scielo.br/j/civitas/a/cGC8zVhmymh6SDBjhpdsRj/?format=pdf&lang=pt>"& [HYPERLINK](#)  
"<https://www.scielo.br/j/civitas/a/cGC8zVhmymh6SDBjhpdsRj/?format=pdf&lang=pt>"& [HYPERLINK](#)  
. Acesso em: 16 jun. 2020

LOPES, João Teixeira. Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público. Sociologia **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v.17, n. 18, p. 69-80, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=426539979004>. Acesso em: 13 jun. 2020.



MACERATA, Iacã; SOARES, José Guilherme Neves; RAMOS, Julia Florêncio Carvalho. Apoio como cuidado de territórios existenciais: Atenção Básica e a rua. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v.18, n.1, p. 919-930, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832014000500919&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000500919&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 jun. 2019.

MACHADO, Keronlay da Silva; SIMAS, Rodrigo Silva. Redução de danos, insumos e experiência estética: uma análise da prática no consultório na rua do município do Rio de Janeiro. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 67-83, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/4823>. Acesso em: 13 jun. 2019.

NOGUEIRA, Márcia Pompeo. **Teatro com meninos e meninas de rua**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

OLIVEIRA, Marília Melo de. **"Açam que brotamos das fontes dessa cidade?"**: Uma etnografia sobre o cotidiano de sobrevivência de pessoas em situação de rua em Natal/RN. 2015. 120f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/20814?mode=full>. Acesso em: 10 jun. 2019.

OLIVEIRA, Roberta Gondim. Práticas de saúde em contextos de vulnerabilização e negligência de doenças, sujeitos e territórios: potencialidades e contradições na atenção à saúde de pessoas em situação de rua. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.27, n.1, p. 37-50, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902018000100037&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902018000100037&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 jul. 2019.

RODRIGUES, Andrea Lúcia Maciel. **O chão nas cidades**: performance e população de rua. 2007. 111f. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ROSA, Anderson da Silva; BRETAS, Ana Cristina Passarella. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v.19, n.53, p. 275-285, jun. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832015000200275&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832015000200275&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 18 jul. 2019.

SANTOS, Helena Vilela; SCHICCHI, Maria Cristina da Silva. Os espaços públicos como unidade de preservação do patrimônio: estudo de caso de Barra Mansa, no Rio de Janeiro. **Arquitetura Revista**, São Leopoldo, v.12, n.2, p. 165-174, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://revistas.unisinus.br/index.php/arquitetura/article/view/arg.2016.122.04/5832>. Acesso em: 17 jul. 2019.

SAWAIA, Bader Burihan. (Org.) **As artimanhas da Exclusão**: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social. 4ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SAWAIA, Bader Burihan. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 364-372, set./dez. 2009. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822009000300010](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000300010). Acesso em: 22 mar. 2020.

SICARI, Aline Amaral. **A cidade, a rua, as pessoas em situação de rua**: (in)visibilidades e a luta por direitos. 2018. 227f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Cultura), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em:



<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/189945/PPSI0780-D.pdf?sequence=-1> HYPERLINK  
"<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/189945/PPSI0780-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>"& HYPERLINK  
"<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/189945/PPSI0780-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>"isAllowed=y. Acesso em: 16 jun.2019

SICARI, Aline Amaral; ZANELLA, Andrea Vieira. Pessoas em Situação de Rua no Brasil: Revisão Sistemática. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v.38, n. 4, p. 662-679, out./dez. 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932018000500662&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932018000500662&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 jul. 2019.

SILVA, Juliana Araújo; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Habitando uma vitrine-membrana: entre dentro e fora. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 17, n. 45, p. 497-509, jun. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832013000200023&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832013000200023&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 22 jun. 2019.

SILVA, Maria Lúcia Lopes. **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005**. 2006. 220f. Dissertação (Mestrado em Política Social), Departamento de Serviço Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1763/1/2006\\_Maria%20Lucia%20Lopes%20da%20Silva.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1763/1/2006_Maria%20Lucia%20Lopes%20da%20Silva.pdf). Acesso em: 16 jun.2019.

SOARES, Rosana. **A educação estética como possibilidade de emancipação dos sujeitos no ensino da arte**: desdobramentos e implicações. 2015. 283f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/18211/1/TESE%20versao%20final.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2019.

SPINOZA, Benedictus. **Ética**. 3ª. Ed. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18211>. Acesso em: 25 out. 2020.

STRAPPAZZON, André Luiz; MAHEIRIE, Katia. "Bons encontros" como composições: experiências em um contexto comunitário. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, p. 114-127, ago. 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672016000200010&lng=pt&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000200010&lng=pt&lng=pt). Acesso em: 23 mar. 2019.

STRAPPAZZON, André Luiz. **Malucos de estrada**: experiência nômade e produção de modos de vida. 2017. 177f. Tese (Doutorado em Psicologia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/185402/PPSI0763-T.pdf?sequence=-1> HYPERLINK "<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/185402/PPSI0763-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>"& HYPERLINK "<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/185402/PPSI0763-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>"isAllowed=y. Acesso: 20 jun. 2019

TAVARES, Felipe Rangel. Territorializações Precárias na Cidade: Um Estudo de Caso sobre as Cracolândias. **História, Natureza e Espaço - Revista Eletrônica**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, jul. 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/niesbf/article/view/12119/9494>. Acesso em: 22 jul. 2019.

VIGOTSKI, Levy Semionovitch. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.





VIGOTSKI, Levy Semionovitch. A Educação Estética. *In*: VIGOTSKI, Levy Semionovitch. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 323-363

VILLAR, Ariany da Silva; BERNARDES, Anita Guazzelli. Modos de subjetivação dos artesãos de rua: estética da existência e precariedade. **Análise Social**, Lisboa, n. 227, p. 416-437, jun. 2018. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0003-25732018000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732018000200007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 jun. 2019.

ZOLTOWSKI, Ana Paula Couto *et al.* Qualidade metodológica das revisões sistemáticas em periódicos de psicologia brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 97-104, jan./mar. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722014000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722014000100012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 18 jun. 2019.

ZWETSCH, Bárbara Elisa. **Limiares urbanos: a necessária precariedade à existência**. 2012. 107f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social Institucional), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/62103/000868473.pdf?sequence=1%20HYPERLINK%20%22https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/62103/000868473.pdf?sequence=1&isAllowed=y%22&%20HYPERLINK%20%22https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/62103/000868473.pdf?sequence=1&isAllowed=y%22isAllowed=y>. Acesso em: 20 jun. 2019

Recebido em: 4 de maio de 2022.  
Aceito em: 16 de setembro de 2022.  
Publicado em: 11 de dezembro de 2022.